



Visado pelo
Comissão de Censura

Galato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

AN. XII - N.º 304 - PREÇO 1\$500

PATRIMÓNIO DOS POBRES UMA CARTA

Em muito que seja de estranhar, há na verdade pessoas na nossa terra com medo do carácter dominante e absorvente da construção e da maneira por que são distribuídas as casas, mas nós cá não somos de igual opinião. Enquanto houver na corte o amontoado de gente com nome de família constituída, ninguém deve ter receio de lhes formar habitação própria, qualquer que seja a maneira, o sistema e o lugar—Património dos Pobres inclusivé.

Como na doutrina do *Corpo Místico* de S. Paulo aprendemos que os membros de menor honra são justamente os que mais recatamos, vamos fazer o mesmo aos escolhidos de vivendas do *Património*, que são membros da Igreja e esta é o *Corpo de Cristo*. Mais. Por esta maneira prática e eficaz de erguer e colocar o indigente no seu lugar, não há que temer uma revolução social. O contrário é que as inspira e gera e põe nas ruas ao preço de tanto sangue inocente! Quem ler notícias internacionais anda ao par disto mesmo que aqui se afirma. Nas cidades onde elas se formam e medram a gente, vê que metade dos seus habitantes aninham-se como cachaça e vivem como pode ser. Não têm uma casa. Hoje o nacional e o internacional quase que se não distinguem. Ninguém pode viver em sua casa enquanto o outro a não tiver. Ninguém pode viver na sua nação, se a outra nação vive sem meios. Os ventos levam nas asas o micróbio das revoluções. Há só uma barreira. Só uma força. Qual? Cuidar dos fracos por amor de Deus. Mais nada. Nós cá somos desta opinião e estamos abertos para ouvir outras. Escrevam. O «Galato» é o defensor real dos oprimidos. Aqui não se trata de demagogia. Se tal fora, já há muitos anos que tínhamos acabado precisamente às mãos da classe por quem nos batemos. Ninguém duvide. É a história de ontem. A Escritura amaldiçoa o homem que luta pelo homem, sem o amor de Deus. Nós somos leitores das Sagradas Letras. Se nos perseguem, bendizemos. Se nos matam, perdoamos. Aqui não se trata de demagogia.

Agora e logo chegam ao nosso conhecimento que terras há, (cidades) onde as vicentinas têm os seus dinheiros e terrenos para construção. O pároco da freguesia idem e em lugar de se unirem por causa da força não o fazem. Não senhor. Parece que as vicentinas querem obra sua! Ora isto não está certo. Não é obra de Deus; é delas. Olhem o pobre. Olhem os trabalhos do indigente que nasce

nas valetas; nunca teve casa e morre sem ela, por causa da poeira!

Também tenho observado que em certos sítios, certa gente procura materiais mais em conta se constrói por conta própria; ou espreme o empregado se por empreitada. Outro erro. Não é tão grave como o anterior, já se vê. O primeiro é espiritual. Este não. Mas é um erro. Dê-m às casas os materiais precisos e de melhor qualidade. Coisa que dure por largos anos. Obra bem feita. Ou não são os pobres desta classe os membros mais delicados da Igreja? Ou perdeu oportunidade a doutrina de Paulo de Tarso? Ou não gostaríamos nós, postos em igualdade de circunstâncias, que nos fizessem assim? Pois se desejávamos isso para nós, porque não fazer o mesmo aos outros?!

Mais coerência.

Alcanena entregou duas e por estes dias mais próximos, vai fazer o mesmo a outras tantas. E continua. O Presidente da Câmara dá terreno. O povo concorre com dinheiro e materiais, havendo famílias que chegam aos doze contos. Ali ao pé, Vila Moreira segue o mesmo trilho. Estão quatro à bica, terreno oferecido, e outras vêm lá. Barracos de lata com gente a morar lá dentro, provam e pregam a necessidade das casas. Acontece, até, haver delas ran-

tinhas ao terreno das nossas casas. Pena é que tanto umas como outras, sendo todas muito espaçosas e ótima construção, não tenham ainda obedecido à casa gêmea ou individual. Mas sabemos que as futuras vão ser assim.

Mira d'Aire vai fazer entrega de duas. Porto de Mós, da mesma sorte. Quê? Duas. Sómente duas casas! É verdade. Mas nós estamos em campo de construções que se não comparam nem seguem as regras da construção civil. Duas casas é um começo. Mais. Duas, pedem necessariamente outras duas e tantas em cada terra quantas necessárias. Quem diz o número? O homem a viver no curral. Enquanto os houver assim, não podemos parar.

Próximas entregas: Três casas em Gullões, Mata. Seis casas, Fajozes. Nove, Castelo Branco. A carta diz assim:

«Nove casas se edificaram para o Património dos Pobres em Castelo Branco. Uma a da LOC ainda não está pronta de todo mas já lá habita um dono.

As outras fervilham de vida: há trinta e seis crianças, entre estes oito habitantes.»

Trinta e seis crianças arrebatadas pelas asas do Amor de Deus! Oh doce Património dos Pobres!

Mais casas nos Arcos de Valdevez. Mais delas em Vila Nova de Taz m.

«No Seminário da Guarda compreendeu-se já que o mundo tem que ser salvo por nós à força de Amor e à custa de Sacrifício. Não é pela riqueza, de contrário nós, os da Guarda, teríamos que ficar fora da guerra, e nós não queremos; nem é com um viver fácil e comodista, esquecidos do valor da vida e dos destinos do mundo, mas com um viver violento e apaixonadamente realista. Pois cá chegou já a rede do «Património dos Pobres»:—é corrente de alta tensão (altíssima); desenvolve calor suficiente para no seu caminho incendiar ou fazer explodir, conforme a natureza dos corpos; atrai ou repele conforme a posição que que se toma; aguenta bem resistências potentes; e alimenta bem as lâmpadas—dá boa luz. Tudo isto porque a Central tem material do melhor... e a Força motriz vem do Absoluto e do Eterno.

Nós vamos construir uma casa do Património—iniciativa da Conferência de S. Vicente de Paulo que no passado ano lectivo foi fundada no Seminário».

Junta-se o heroísmo ao humorístico, daí a graça que não destoa. A carta é de ler. Ela apresenta e esgota de tal maneira o assunto, que comentar seria profanar.

DOCTRINA

O concelho de Loures, que tem nove freguesias, perdeu as tradições religiosas. As igrejas não têm sentido, nem os sinos por quem chamar. Uma desolação. O pároco de algumas delas, habita na Casa do Galato, a contento seu e no seu, de onde parte para a sua missão quotidiana, — missionário de Cristo. Acontece que uma das suas igrejas ameaça ruína, tão séria, que se lhe não acode imediatamente tudo desmorona. O sacerdote vê, sente e faz um apelo. A assistência à missa conta-se pelos dedos da mão, mas naquele dia adro e igreja encheu-se de gente e de oferendas: vitelas, carneiros, dezenas de galinhas, produtos do campo, dinheiro, uma pipa do vinho. E agora vem o melhor da festa; o povo ali reunido e em frente das coisas oferecidas por ele mesmo, não quer acreditar: *mas fomos nós? Nós é que demos isto que aqui está?* O homem não se conhece. Tem necessidade de dar, para ver e

sentir até onde vai a sua alma. *Mas fomos nós?* Tem necessidade de dar, para ser no mundo um leal cooperador da economia divina. Deus quer que cada um se salve e é pelas obras. O que ainda não tem fé, dê do que é seu, para que a fé lhe venha. Tem necessidade de dar para se apresentar no Tribunal do Pai Celeste com a *lâmpada cheia*, segundo a parábola do Evangelho. Era de uma vez um grupo de alguns dos nossos pequeninos vendeedores, aos quais alguém convidou para almoçar num restaurante, tendo também tomado parte na refeição. Amou-os. No final declarou-lhes que era juiz e acrescenta: *eu não vos quero julgar*. Assim o Pai Celeste, distâncias respeitadas. Dá-nos tudo. Ama. Faz tudo para nos não julgar. O homem tem, sim, necessidade de dar, ainda que não fosse por mais nada, ao menos para se admirar, com alegria, do que deu, como acima se refere do povo de Loures.

Quem estiver atento às colunas do Galato, vê que temos feito escola e criado nas almas uma grande inquietação. Nunca demos ouvidos aos conselheiros — não publique para que continuem a dar. Nunca demos ouvidos. Aquela doutrina é falsa. Dizer sim. Berram, para que outros oíçam, imitam, façam — e se salvem.

Os que porventura experimentam dificuldades em dar e não tenham fé para pedir a Deus a Graça, esses cultivem. Eduquem-se. Façam-se violência com seus próprios meios, até que a fé lhes venha, pelas obras. A quantos e quantos não tem assim acontecido! Mesmo no meio restrito dos nossos leitores, quantos e quantos não coíhem hoje a experiência do que dizemos!

Dar é uma necessidade. Acumular sem jeito nem medida é uma ruína. É uma desgraça. Olhem os chamados «reis»! Rei

ISTO É A CASA DO GAIATO

NOTÍCIAS DA CONFERÊNCIA da nossa aldeia

*** Não desejo de forma alguma privar os leitores de uma notícia de que todos gostam e nós muito



O Amadeu, africanista.

mais de a dar. Foi uma galinha. Mais uma galinha que tirou da casca, pelos seus próprios meios, uma ninhada de dezassete. Foi uma hora cheia. De lá a nada não havia em casa cão ou gato que não tivesse conhecimento e com ele se regozijasse. Com esta é a terceira dentro de um mês. Por cá todos procuram o seu elemento natural e amam a independência. Esta galinha e as outras de que já falamos, estão a dizer aos homens que deixem viver os homens. Menos tutelas.

*** A página do *Isto é* apresenta-se hoje ao público com uma nota muito alegre, sonda consta a estupenda vitalidade da *Obra da Rua*. Células vivas que se desprendem da Casa Mãe, com o fim de comunicar a vida.

Temos o Albino Macedo, que se casou a 29 do mês passado, na igreja de Santa Cruz de Coimbra.

Tem a profissão de fotógrafo. A sua mulher é doméstica.

Temos o Amadeu Elvas que fez o mesmo a 2 deste, no santuário de Fátima. A sua mulher tem o primeiro ano da Escola Normal, que suspendeu por agora, afim de acompanhar seu marido para a Zanbézia. Embracam brevemente. Deus o ajude. Temos ainda o José Fernandes nado e criado nas Escadas do Barredo, que se casou na igreja de Bonfim. É tipógrafo e a sua mulher, doméstica.

*** Mais vitalidade; foi a inauguração oficial da Casa do Gaiato de Setúbal, com a presença do Subsecretário da Assistência Social e autoridades locais, tendo o senhor Arcebispo de Cizico procedido à benção da Capela e celebrado.

*** Encontrei ontem um cavaleiro em Lisboa, cheio de uma visita que fizera à casa de Paço de Sousa. Tinha sido há tempos,



O José Fernandes, tipógrafo.

sim, mas era novidade, que mais nova se tornou com a minha presença. Eu não o conhecia.



O Albino, fotógrafo.

Raros são os visitantes que conhecemos. Ora vamos então a ver do que se trata. Nada. O que há de mais simples. O cicerone tinha-lhe mostrado o telefone: *aqui é o telefone*.

Nós somos assim. As coisas pequeninas e inocentes é que encham a nossa alma. Quantas obras d'arte não terão outros mostrados a este senhor no decurso da sua vida—quantas delas! Ele já se não recorda. Não ocuparam lugar em seu coração. Porém, o pequenino cicerone da Casa do Gaiato mostra o telefone, explica como se fala e toma o auscultador para que o visitante *compreenda*, —e aí temos nós o alimento que perdura. Alimento espiritual. Dá muito certo. Sempre me pareceu que estes nossos mestres haviam de fazer bons alunos, enquanto indicam as riquezas da aldeia.

TRIBUNA DE COIMBRA

Acabo mesmo agora de chegar do gabinete do senhor Arquitecto que se ofereceu e que tem em mãos o plano para o levantamento de vinte moradias para famílias pobres em Coimbra. Não será um bairro propriamente dito, mas sim um grupo de casinhas airoas onde cada um ama a sua, como coisa sua. A presidir ficará um pequenino monumento dedicado a Nossa Senhora da Fátima. Este conjunto gracioso fica a norte da Estação Velha, mesmo à beirinha da estrada para o Porto. Será ali uma bandeira cristã e social a falar aos que passam. Será assim uma pregação viva e sensível da Caridade e Justiça Cristãs.

Há tanto tempo que se falou neste plano e até hoje temos esperado aqueles que deviam marcar presença e poucos têm levantado a voz. Enquanto estes poucos têm aparecido para ajudar, os necessitados têm acorrido aos grupos a contar as suas misérias. E são estes grupos que nos fazem ir para a frente e que nos obrigam a começar. Eles são a força. Nós vamos pelos cantos e becos onde eles mais se escondem. Há dias era a mãe de sete filhos e com o oitavo no ventre a cammar.

Só pudemos chegar junto à porta. Dentro um pequeno espaço triangular totalmente ocupado por uma tarimba de madeira com uma enxerga e ao lado um pequeno berço velho. Ali se tinham de acoiatar pais e filhos, havendo filhas já grandes. O pai poucas vezes aparece em casa. Os filhos todos doentes e a mirrar. Nesse dia era já tarde e aquela mãe tinha mandado comprar um pão e cinco tostões de manteiga para todos. O Senhor Doutor manda dar-lhes boa alimentação.

E quando nós em Coimbra julgávamos que já não havia casos tão flagrantes, aparece-nos este e muitos outros piores que este e ainda mais os que não conhecemos.

Nesse mesmo dia telefonamos um oficial de Artilharia 2 a comunicar que andam naquele Quartel a juntar para uma casa e que já a têm quase pronta. E desejavam que fosse feita perto para que os próprios soldados a construíssem por suas mãos. E que eles depois queriam ficar a assistir à família contemplada e que se fosse possível o chefe dessa família tivesse sido militar ali.

E eu aceitei com religioso

silêncio as grandes verdades daquele militar que deve ser a honra da Pátria que o tem como filho. Primeiro os soldados tiram um pouco ao tão pouco que recebem. Depois querem que além do seu obulo em dinheiro a casa seja construída por suas próprias mãos, para que a argamassa fique mais regada com suor e as pedras mais duras do sacrifício. A seguir desejam eles mesmos assistir materialmente à família. Dar uma casa a uma família necessitada é muito e não é nada. Dar-lhe uma casa e continuar a assistir-lhe é tudo. Por fim, desejam que, sendo possível, se escolha uma família cujo chefe tenha prestado serviço naquele Quartel. Outra grande lição de solidariedade humana e cristã. Eles a ajudarem os seus próprios companheiros caídos em necessidade. Só é pena se não aparece alguém que ofereça uma nesga de terreno em Santa Clara! Seria uma família salva!

E enquanto vamos esperando, animemo-nos todos e vamos continuando a trabalhar. Os que já marcaram presença com a sua de

(Continua na quarta página)

Sem desmerecer outras, o correio trouxe uma carta dum fervoroso Vicentino da qual recortamos o seguinte período: *Em nome do Conselho Superior da Sociedade de S. Vicente de Paulo, junto remet a contribuição dele para a nossa Conferência, de 100\$00.* Aprovei amos, agora, a ocasião para agradecer o carinho e interesse com que o Conselho vem seguindo as nossas actividades. E digo nossas por serem tantas as Casas do Gaiato quantas as Conferências. Mais; a Ora de Ozanam jamais desacompanhará as Casas do Gaiato. É até um capítulo de ouro das Constituições da Obra da Rua.

No plano nacional, quanto maior atenção os Conselhos—Superior, Centrais e Particulares—dedicarem às Conferências de jovens tanto maior será o progresso da Sociedade. Elas são uma poderosa alavanca da continuidade e progresso do Movimento. Identificar Cristo no Pobre, procura-Lo também aqui, é desviar a mocidade dos perigos do mal. Há que meter mãos à obra,—uma cruzada bem conduzida que abra caminho à criação de mais conferências de jovens: nas paróquias, escolas técnicas, liceus, seminários, organizações juvenis e até nos asilos. Fazê-lo crer nas virtudes do Movimento. Como se transfiguraria o país! Como a mocidade de hoje, amanhã nos postes de comando, compreenderia melhor as agruras do Pobre! Não há dúvida que a falta de persistência é um mal da mocidade. No entanto, aqui, têm a palavra os orientadores, os assistentes eclesiais. O que o rapaz requiere é orientação. Sem isso, nada ou quase nada.

Um Amigo da tipografia abre com 15\$00 e o seu irmão com 5\$00. Assinante 28 586 50\$00 Maria Bobeira Silva, 10\$00. Mais remanescentes: Ermezinde, assinante 683, 40\$00 Alcains, assinante 15,383, idem. António Pinho Nunes, 20\$00. Dr. Agostinho Montinho idem Saudades a todos os amigos de Cabeceiras de Basto. Os costumados 20\$00 da senhora A. F. do Porto. No Espelho da Moda, 60\$00 para o doente que a Conferência protege — compra do leite. Quem dera que não desanimasse e que Deus lhe dê, sempre, possibilidade de dar, para o nosso Pobre receber. Mais uma carta:

«Envio 40 escudos, 20 da minha Mãe e 20 meus, para os pobres doentes da Conferência. Duma admiradora da grande Obra e grande amiga do Gaiato

Maria Teresa»

Margarida Azevedo, 30\$00. Castelo Branco, assinante 15 383, 20\$00. António Pedro Coelho, metade. Do nosso amigo Senhor Rocha do Coliseu, o dobro. De Adélia Freire Oliveira, de Avanca, 11\$00; paz à alma da pessoa de Sua família que Deus chamou. Maria M Macedo e Faro, diz: *o que vai a mais é para os pobres* — 5\$00. Migalhas de valor. O marido de Maria Pinho visitou-nos e deixou 7\$50. Maria M. Passarinho, 15\$00. Acácio Justo Costa, 10\$00. Assinante 5 325, 50\$00, Idem 14 912, 60\$00. Idem 1 985, 100\$00. Carlos Ribeiro 20\$. Manuel Cardoso, idem. E acabou, por hoje. A todos, os nossos agradecimentos.

Júlio Mendes

— AGORA — AQUI, LISBOA!

A procissão de hoje vai-se mostrar muito interessante, porque intercalada de pequeninas considerações, que muito bem poderiam dar para sermões de circunstância, não fora a pressa com que sempre andamos e o pouco desejo de aborrecer. Queiram pois arrumar-se um nadinha e deixem passar este senhor. É um homem de 50 anos, metade dos quais gastos no Brasil em vida laboriosa. Veio nos visitar. Tendo-se achado bem foi-se sem pagar a assinatura do Jornal, só para ter um pretexto de tornar! Ouve-se com agrado. Tem dentro de si uma riqueza imensa, que se traduz em desejos veementes de ajudar. Ajudar os homens que precisam. Enquanto assim falava, eu ia admirando como foi possível ter saído um homem ileso de entre as zonas de corrupção. Só uma graça especial do nosso bom Deus; de outra sorte não há pobres de espírito, e este é um. É um homem que não se deixa amarrar à caducidade. Em conversa foi-nos dizendo que trazia uma casa na algibeira, sendo dele a maior parte e o resto de alguns assinantes do Rio. Com a quantia dos 12 contos, o nosso visitante indica a sua pretensão: deseja ele que a casinha se fique a chamar *Grças a Deus*. Vamos ter uma com este nome entre as inúmeras que estão construídas! Aquele nome felicíssimo, segundo ele mesmo nos conta, veio-lhe por ter visto algures uma formosa vivenda no meio dum pequenino jardim com aquela designação: *Grças a Deus*. Perguntou e veio ao conhecimento de que o seu dono trabalhara largos anos e à força de muito poupar veio a conseguir o que todos desejam: *Uma Casa*. De forma que, assim como este nosso amigo, também nós todos, ao ouvi-lo, podemos afirmar que o nome da Casa é uma expressão viva e constante do seu actual possuidor. É como se ele mesmo ali estivesse a pregar aos viandantes um *Grças a Deus* por me ter dado o tempo e a saúde e o desejo e os meios de construir a minha casa. Assim, este visitante que já tem a sua, pretende dar graças a Deus por lhe ter dado o desejo de contribuir para os Pobres. Ele quer ajudar.

Mais espaço por favor; é outro visitante com dois filhos pela mão. Mais aceitado; uma visitante com 2 filhas. Enquanto subia as escadas deu-me a impressão de ser alguém que vinha pedir esmola pelo que me dirijo a ela com sentido de lhe pedir que fosse e ter com a Senhora da Cozinha, mas não tive tempo. Antes de eu falar, falou ela. Uma nota de mil escudos! Pergunte-se ela na verdade pode. Responde-me que já tinha dado 4 contos! Puxo-lhe pela mão e trago-a para a varanda. Gestos rasgados pedem horizontes da mesma sorte. Conversamos. Ela refere-me que houve tempos em sua vida que passaram muita fome e hoje, que tem o emprego, poupa tudo quanto pode para aliviar os que a estão passando! Os verdadeiros heróis nunca deram fé do seu heroísmo. Esta heroína é desse qui-

late. Ela não acredita como muitos querem que a miséria seja um Destino. Não acredita. Viu-se livre da sua e ora pretende trabalhar para que outros não venham a cair nela.

Curvem-se e deixem passar. Mais espaço. É alguém que se aproxima e ao saber que eu sou o tal, dá-se por mui feliz no encontro e pergunta se posso receber uma casa. Posso, sim senhor. Doze contos. Depois do que a mesma pessoa pergunta-me se posso receber mais algumas para serem construídas nas terras que me foram indicadas e por especial devoção. Não aceitei, até ver. Por mais estranho que isto pareça, não podemos fazer casas sonda a urgência as pede, mas sim sonda onde os Párcos as desejam; e por ora não são todos. Aqui e ali aparece um, a dizer que não. Doenças. Idade. Feitios. Critérios. Tudo isto respeitamos e não nos intrometemos.

Recebi a Casa que me foi entregue com a intenção de abater a dívida das de Miragaia. Muito bem. Enquanto falo de Miragaia, quero dar entrada a um Inglês que ao embarcar perto da Alfândega, foi avisado por um amigo da presença e do sentido daquele aglomerado de casas. Comovido com o que acabara de ouvir, o Britânico mette as mãos na algibeira e faz chegar às minhas 300 escudos. Ali é sitio onde a cidade passa. O Porto tem meio milhão e foi necessário aparecer um da Inglaterra! Deu de boa vontade pelo que observou. Com que força não daria ele, se tivesse ido ver com seus olhos de onde todos vieram! E nós sabemos...!

Outra vez por largo. Deixem passar os Funcionários dos Serviços Municipalizados do Gás e Electricidade com a 3.^a prestação de 3 contos. Ao pé seguem Pai e filhos com 200\$. Um nadinha ao lado um professor primário com 50\$. Logo atrás uma Ribatejana Licenciada com 100\$. Se a memória me não falha ela tem vindo mais vezes. E terá de continuar por muito tempo. Por este andar, muitos invernos hão de ir e vir e a casa dos Licenciados por fazer.

Vai aqui Tete. Deixem passar. É a Alda que leva nas mãos a segunda prestação da sua casa—1 500 escudos. Mais espaço. Passa agora Curia com a terceira prestação—3 contos Proença a Nova também tem hoje aqui lugar com sua prestação de 500\$. É o António Tavares. Lisboa aparece com 100\$.

O Abílio dos Guindastes do Porto da Beira, torna com 100\$. Ele é do Porto. O do Plano Decenal cá vai com a sua cota de 100\$. Ele acredita. Sabe que dentro de dez anos vai ter uma casa sua no *Património dos Pobres*—e quer viver para ver! Deus o ajude. Devíamos e era já tempo de recolher, sim. Porém não queremos ser deslegante com uma senhora modesta que nos procura no Lar do Porto quase que envergonhada, fez entrega de uma casa—uma dúzia!

No final de cada uma destas procissões, é nosso desejo íntimo e estuante, que todos meditem, ajoelhem e acozem o Deus Vivo e Imortal, Rei dos Séculos e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. Quem assim não compreende, ainda não compreendeu o *Agora*.

Alguns dos sobreviventes do Vale Escuro, ficaram incumbidos por vários desalojados, de orientarem os nossos passos para os novos refúgios que lhes destinaram: «Diga-lhe que a ceguinha foi para a Quinta do Ourives! Ele que se não esqueça da anã que está na Quinta da Argolinha; e nós que vamos para a Quinta do Bacalhau...» etc..

Fixamos os nomes e temos andado por essas azinhagas, à procura de farrapos, como os sucateiros de ferro velho. Eis uma sombra do que vimos:

Aquele mãe de cinco filhos que se lamentava na nossa última crónica, não conseguiu sobreviver à derrocada da sua barraca de pedra. Transportada para o novo local, enquanto os vizinhos tão pobres como ela, lhe armavam uma tenda, morreu entre os cacós que esperam arrume. O marido, tuberculoso, foi também despedido do trabalho, por já se não segurar de pé. Não posso prescindir do lenço, ao escrever estas linhas e pergunto a mim mesmo: para onde vamos?

A dita ceguinha, incapaz de rearmar a barraca, foi recolhida por outra mãe tuberculosa. Menos feliz uma velhinha doente, reduzida a um feixe de ossos, prostrada no meio do carro, entre montes de latas e sarrafos carunchosos, aguardando a morte. Que falta nos faz o «Calvário»!

Dispacha-me a levá-la para o hospital, quando os vizinhos nos informam que já tinham mandado

vir um carro com a mesma finalidade.

Bem podemos temer que estas marés altas de dores e infortúnios, provoquem uma rotura nos diques da Justiça de Deus. Bom é que se reforcem os contrafortes da caridade cristã, enquanto é tempo.

...

Nesse intuito apenas nos foi possível, neste verão, bater às portas de Parede e Cascais. As Igrejas de Lisboa irão a seguir. Os Rapazes da venda do Galato dizem-nos que já veio muita gente de fora. Muitos veraneantes não conseguiram gastar tudo e trazem nos as sobras. Assim no-lo disse um deles com 350\$, outro com cinco mil para o Património; 120\$ d'outro. Em vale, 500 e 100 e 20. No Banco, 150 do Crédito Predial e 1334\$50 dos Empregados da Vacuum que não tiveram as. Num esforço altamente meritório, os Funcionários do Banco de Portugal, conseguiram elevar a sua colaboração anual a cerca de nove contos que depositaram no Montepio. Nestlé continua com os duzentos mensais, numa persistência que vem já de há anos. Cinquenta e 50 para sufrágios; 500 para lembrar ao altar, os dias 29 e 5 outrora festivos, e hoje de saudosas recordações, recolhimento e oração. Mil e 50 à porta de Igrejas. Mais listas preenchidas no Montepio, como ramalhetes de flores compostos das mais raras espécies! Há parcelas desde a mais pequena moeda de prata até três contos, afóra duas casas completas. Só no primeiro semestre, ficaram ali trinta e três mil escudos. Igualmente preciosos os embrulhos de roupas e calçado e mais objectos. Que mimo um enxoval de recém nascido para a família de dez filhos! Bastava ser uma Mãe à espera do décimo primeiro! Duzentos em cumprimento duma promessa, na altura do exame do 7.^o ano, com esta observação interessante: «muito obrigado pelo bem que nos tem feito, dando nos a felicidade moral, de saber que quando se quer ajudar um fim útil, não há que hesitar: Casa do Galato!» Muitos remédios e 100 e um grande coração amigo. É um médico. Vinte mais para o Património; outro tanto, em carta, da Luz. Para encontrar o que pretende, meu senhor, não é preciso sair da sua terra. Há aí uma grande Luz! Um depósito de lusite, da Lusite, em boa hora remetido; roupas e calçado e mercearia chegados de África, louças e vidros de Lisboa, camas e 50 e 100 para que a furgoneta apareça à porta, na hora das mudanças; 100 do Casal de S. Jorge, e 170 de dois jovens quaisquer; 500 da Câmara do S. Izal e terreno da mesma para as primeiras casas do Património, em Amora; 50 em cumprimento duma promessa a N. Senhora. Finalmente 9 230 em Cascais, e a entrega duma casa de vinte nas mãos do Pároco. Os Vicentinos tão receosos ao começar, vêem agora que nada perde quem confia na Providência. Baseados nessa mesma confiança, vão agora para meia dúzia delas, depois para a centena. O mesmo queremos garantir aos do Estoril. É preciso começar! Eu sei que há ali um grande contra: é

(Continua na quarta página)

ATENÇÃO

Em princípio e por amor da boa disciplina, ninguém comece a construir casas do Património sem primeiramente dar conhecimento do facto ao Presidente da Câmara e, e nas cidades, também à Urbanização.

É a ordem que assim o pede. Mas, tem acontecido e hoje foi o caso, que dois grupos de activos construtores, em freguesias ilustres, vieram-nos comunicar que o Fiscal da Câmara embargou; Câmara que havia sido devidamente informada da construção de outras.

Trata-se de um funcionário. É o fiscal. Ele tem de fazer alguma coisa. Da mesma sorte os Secretários das Câmaras. Estes são os homens do Código e só vêem o que ele diz. Tão zelosos, que até esquecem inteiramente do bem que a Câmara deve aos seus Municípios postos em estado de penúria. Também eles, assim como os fiscais, hão de fazer alguma coisa. Então quê? Nada. Continua-se a obra com licença presumida do Presidente (a quem já se tinha solicitado) e aguarda-se de decisão superior. No fim tudo se compõe. Temos casos semelhantes. O que se torna necessário é esclarecer e obedecer a quem está posto em autoridade.

SE DESEJA MANDAR CONFECCIONAR
TRABALHOS GRÁFICOS, CONSULTE A
TIPOGRAFIA DA CASA DO GALATO
PAÇO DE SOUSA

PELAS CASAS DO GAIATO *De como eu vi e senti as Casas do Gaiato*

PAÇO DE SOUSA Chegamos do Geraz, os ligados parece-me que estão mais animados e nós a aborrecer os amáveis leitores, que terão de fazer um acrífiozinho para atuar este seringão.

— Amanhã completa 68 anos, e nesse Pai Américo. Que saibamos por agora, os de Paço de Sousa vão oferecer uma grande — os castiçais de prata para a nossa capela. Os de Lar de Forte também, mas não sabemos o quê.

«A Voz dos Neves», jornal que é feito por rapazes e para os mesmos, vai aparecer de casa nova. O grupo cénico está a ensaiar o drama, o Filho Pródigo, que virá à cena hoje. Esperamos que os electricistas de Penafiel não cortem a corrente senão temos de dar os espectáculos a candleiro, como aconteceu ao grupo ensaiado pelo tão popular Mingos!..

O melhor prêmio que lhe podemos dar, é o cumprimento de nosso dever: quer nas officinas, se campo, nas camaras e mais diversos afazeres que todos temos desde o mais batata, ao maior. Para ser completa, tenha valor, tem de ser mais a vontade inteiramente. Creio que assim vai ser, pois todos são amigos e querem ser beneficiados. Agradecemos ao Senhor por se servir dele para arrancar da imundície, do lixo, pedriscos, almas que são afinal iguais às outras que possuem somas astronómicas e vivem à larga e os vai integrar na sociedade, com beneficio para todos.

Nos barrados, bairros de lata, ilhas, dos grandes centros, a todos é mestrado Jesus de Nazaré; para todos uma palavrinha. É de todos, para todos, vive para todos. As nossas são as alegrias deis. Tristes do mesmo modo. São 68 anos! Passam velozes mas não importe. O tempo não conta para a Eternidade.

— A nossa família cresceu com mais sete rapazes que vieram do Albergue Distrital. Não de vir por esses dias, outros tantos. Ficam as camaras e o refeitório a abarretar. São muito espertos, andam na escola nas diversas classes. Esperamos que rapidamente se adaptem ao nosso ambiente e que aproveitem muito, para seu lucro.

— O Amadeu Mendes, o Vida é Bela, consorciou-se, como tínhamos anteriormente anunciado, no Santuário de Fátima. Foi o Pai Américo quem uniu para sempre estes dois seres. Oxalá que sempre sejam felizes um ao outro e às leis de Deus, para assim serem felizes.

O Mendes já está mais contente, pois leva para a nossa África, onde é funcionário da Sena Sujar, a companheira que Deus lhe destinou. O Sacramento de Matrimónio é um acto em que dois seres se completam. Não foi o Senhor tirar uma estrela a Adão para lhe dar a companheira? Evidentemente que sim e é por isso que nós chegando a uma certa idade, sentimos o problema do Matrimónio. Antes de dar este passo decisivo, é preciso pensar-se muito. Não nos vamos atirar à sorte. Isso seria andarmos às escuras.

Muitas felicidades se desejam, Amadeu, os seus irmãos que muito te estimam.

— Dois de Outubro. A nossa vindima. Demorou dois dias e meio, tendo-se enchido três lagares. Dia de vindima cá em casa quer dizer: castes para baixo, para cima, letes escondidos e armários dela, cantigas ao desafio, violas a tocar, o Sérgio e o Sr. Padre Carlos zangados, tendo por vezes de dar «abenço». É um dia sempre cheio, de alegria e boa disposição. Sardinhas, pão, vinho na merenda e a malta toda animada. Ao fim todos a pisar as uvas que vão tornar-se vinho dentro de tempo limitado. Vamos ter mais vinho que os mais anos, seguindo os que percebem mais de lavoura. O Artur que costuma ser sempre o guarda das uvas queria-se armar em «fiscal», mas amolou-se. Teve de aguentar com castes às costas mas foi... Viva o Pai Américo! Viva o Sr. Padre Carlos! Viva o Sr. Lopes!... e o Sr. Artur...

Já estamos à espera da próxima. E os senhores?

Daniel Borges da Silva

TOJAL Aqui perto de nós há uma Igreja vé-lhinha que foi dos frades de S. Vicente os primeiros que fizeram papel em Portugal. Por terem passado tantos anos por ela, está mesmo a cair. Era tão pobre em 1910 que ninguém a roubou e as outras foram queimadas e saqueadas.

O nosso Sr. Padre Baptista queria restaurá-la mas não tinha dinheiro. Lembrou-se então de organizar um ofertório do Povo. Nós, os gaiatos, também entramos. De porta em porta fomos angariar donativos para o nosso carro.

Não se espaga da minha memória a amabilidade como os habitantes do Tojal e arredores nos receberam. Conseguimos levar um carro carregado de oferendas. Ao todo seriam uns vinte e tantos carros entre tractores, camionetas, furgonetas, carroças tudo enfeltrado dava umas pecto muito bonito e variado. No fim fez-se um leilão em que tudo se vendeu por mais de vinte contos. Estas ofertas vieram despertar as energias do Povo do Tojal. Deus queira que sejam benéficas as consequências para a religião nesta terra.

— Outra. O Tónio irmão do Octávio está encarregado de ir levar a bilha do leite à camioneta para o Lar de Lisboa. Um dia destes se viu aqui muito contente a comer a merenda. Ao passar por um cão este mostrou cara de poucos amigos e atirou-se a ele O Tónio para o calar deu-lhe um bocado da merenda, mas o cão é que não o largou enquanto não lhe deu o resto da merenda. Só então o cão o deixou.

O Luis que é o servente dos senhores é tão pequenito que não chega à mesa. Às vezes ponho-me a admirar a habilidade dele para pôr a toalha na mesa. Põe uma ponta e depois sobe para uma cadeira para estender o resto. Só visto.

Tivemos junto de nós e esta é a notícia da ordem do dia o nosso Pai Américo.

Desta vez estava muito falador e isso para nós é benéfico. Gostamos de o ouvir. Começou por dizer e admirar as nossas officinas, seu tamanho e bom gosto.

Disse-nos que nos esforçamos por aprender uma arte ou officio para mais tarde podermos trabalhar por conta e risco. Era a sua vontade em ver ali vinte rapazes grandes a tomar conta de tudo, mas alguns não chegam ao fim.

Muito obrigado Pai Américo. Faça por vir cá mais vezes.

José de Deus M. Rocha da Assis

A venda na Beira Baixa

Fomos direitos a Castelo Branco. Chegamos a esta bela cidade fomos até ao parque para almoçarmos. Depois fomos dar uma voltinha pela cidade para visitarmos os nossos maiores amigos. Como alguns não estavam não tivemos tempo para visitar deixamos aqui os cumprimentos do Sr. Padre Horácio.

Em seguida fomos ao reformatório de S. Fiel visitar três dos nossos antigos companheiros que ficaram radiantes com a nossa visita. A estes três desejamos que tenham bom porte e muitas felicidades. Passados poucos minutos encontramos-nos em Souto da Cissa, formosa aldeia onde nos esperava o nosso grande amigo Sr. Padre Alberto e sua família. Ai jantamos com muito gosto e já muito de noite fomos para o Castelejo onde assistimos à procissão das velas e missa das festas de Santa Luzia onde decorreu a melhor venda do «Famoso». Em Castelejo vendemos desde o meio-dia até às três horas da tarde apenas, mas bastou para vendermos os seiscentos. Depois almoçamos em casa do Sr. Padre Jorge.

No dia seguinte fomos para Castelo Branco onde temos grandes amigos da nossa Obra. São tantos e tão bons que se quisésemos agradecer a todos o nosso pequeno jornal não chegava.

Há por exemplo uma família que toda ela é assinante pagando cada pessoa 100\$00 e compramos ainda o jornal dando-nos muita gorjeta. Ainda da última vez esse senhor doutor perguntou-me se a venda ia boa, e eu disse que ainda levava cem jornais para casa. Então agarrou neles e compramos todos. Que isto sirva de exemplo a muita gente que nos nega os dez tostões.

Tenho a dizer aos amigos de Castelo Branco que a venda nesta cidade já está normalizada e por isso não desanimem para apanhar os da Covilhã.

De Castelo Branco seguimos para a Covilhã onde fomos bem acolhidos e vendemos os do costume. Agradecemos desde já à Oliva que nos está a fazer os emblemas para as nossas equipas. Agradeço também ao Senhor Jorge Graveiro de S. Usa a oferta dum relógio depois de me ter já dado um fato.

Agradecemos aos estimados leitores e não só agradecemos como damos também os parabéns conforme prometemos se chegássemos aos dois mil. Não desanimem e vamos bater o Porto!

José Dionísio Figueiredo

AQUI, LISBOA! Continuação da terceira página

o mundo que anda às avessas. Até por isso é que devem começar. Foram os rapazes que no-lo fizeram notar. Ao passarmos, um deles notou um gerico vestido de calças nas quatro patas, e exclama a perder-se de riso: olhem, olhem! aqui anda tudo às avessas! Os burros trazem calças e os homens andam sem elas...

Trouxemos dali um pequenino de sete anos. Conhece por dentro os calhaboços da G. N. R. e os barcos onde se recolhia de noite e as carteiras dos senhores também por dentro. A mãe trabalha num bar; o pai deve ser dono dalgum outro bar. Quem vier aqui procure pelo *foguete* e verá uns lindos olhos azuis, sorrindo de satisfação: acabaram-se as horas tristes do aljube.

Padre Adriano

Tendo ficado no último número no começo da descrição de Setúbal, vamos hoje continuar com a leitura desta crónica e acompanhar de perto a vida das nossas casas.

Poucos rapazes ainda. Camaratas enormes. Refeitório idem. Capela espaçosa, mas bonita. Cozinha também muito grande. Tudo é enorme nesta casa. Era um albergue, não admira. Mas hoje é mais um forte alicerce da Obra da Rual Casa do Gaiato de Setúbal.

Esta nossa Casa promete. Tem ainda dois meses de trabalho e já se nota qualquer coisa em andamento. Os rapazes que nada sabiam de doutrina, fazer camas, varrer e esfregar o chão, nem sentar-se à mesa sequer, hoje já quase todos sabem um bocadinho de cada coisa. Estão a formar um lindo orfeão e um piano para esta Casa não ficava mal, os leitores é que resolvem. E como estamos na época do futebol, é de grande necessidade um radiozinho que também fica a cargo dos nossos leitores. Os nossos leitores não imaginam as horas tristes e aborrecidas que os nossos irmãos de Setúbal passam. Ele é falta de jogos, ele de bolas, ele de roupas, ele tudo. Nos três dias que lá estive, a Senhora não me falava noutra coisa e de facto é verdade. Portanto não se esqueçam os nossos amigos leitores da Casa do Gaiato de Setúbal.

Gostei imenso de visitar esta Casa. A quinta dá de tudo um pouco: batatas (duas vezes por ano), cebolas, pimentos, tomates, morangos, laranjas em grande quantidade, pêssegos, ameixas, peras, figos de *pingo mel*, maçãs, uvas, nozes, marmelos, flores, água fresquinha, coelhos, galinhas, perús, porcos, bois, vacas que dão muito leite pra consumo da casa e para vender. Como vêem, a Casa de Setúbal é fértil em fruta, gado cereais e legumes. Só não é naquilo que acima vos peço. Mas nós confiamos na boa vontade dos nossos benfeitores e nós cá esperamos.

Estava já a gostar de lá ficar, mas quinta-feira chegou e eu tive de regressar a Lisboa. A despedida foi custosa mas tinha de ser. Eu e o Eduardo eramos e somos muito amigos e foi esta a razão de tão comovente despedida. Na verdade custou-me sair de Setúbal, porque o chefe Eduardo tem nesta Casa uma missão dura a cumprir. Já alguma coisa fez, mas muito mais tem a fazer. O Barco é comprido e difícil de remar; portanto ânimo caro Eduardo, tem fé em Deus que te há-de ajudar. Nós, os teus colegas, vamos-Lhe pedindo essa graça que fará com que tu aguentes o lugar que a Obra da Rua te confiou. Haja perseverança e tudo se conseguirá. Este teu amigo e restantes companheiros desejam-te os maiores êxitos nessa Casa.

Depois de Setúbal regresssei novamente a Lisboa. A capital é linda e bela, com paisagens pittorescas que a distinguem bem entre as grandes capitais do mundo. Como não podia deixar de ser, voltei ao nosso Lar.

Na sexta-feira à tarde fui ao Rossio tirar o bilhete para o rápido do dia seguinte para regressar ao Porto e daqui a Paço de Sousa.

Eram 19,30 quando entrei na nossa Casa. Todos jantavam. Entrei no refeitório e noto mais um rapaz à mesa aonde eu sirvo; — era mais um desprotegido que tinha entrado para o *Paratso dos Abandonados*. É assim a Casa do Gaiato.

E pronto, amigos leitores, não vos quero tomar mais tempo, apenas vos torno a lembrar aquilo que p'rá Casa de Setúbal vos peço e que desde já agradeço.

Cândido Pereira

Do que nós necessitamos

Mais 150\$ de Lisboa. Mais 200\$ do Porto. Mais 500\$ da Régua. Mais 20\$ do que nunca se esquece da obra. Há anos que vem esta letra, esta dedicatória, esta importância e isto todos os meses! Não é a soma do dinheiro; é, sim, a grande devoção! Mais 500\$ de Arco de Babilhe. Mais outro tanto de Lourenço Marques. Mais os 200\$ do António com a dedicatória do costume. Outra grande devoção! Mais 40\$, Gondomar. Mais 200\$, da Foz. Mais mil escudos de Namapa. Para quem não souber aqui se diz que se trata de dinheiro vindo de África, de um mealheiro. Mais 50\$, Lisboa. Outro tanto Agueda. Outro tanto do grupo «Vinte e três amigos». Ainda outro tanto dos *remorsos de só hoje pagar o jornal*. É pena serem tão poucos como estes remorsos. Se todos os assinantes os tivessem e fizessem assim, ou pelo menos, dessem só mente o dinheirinho, tínhamos o problema do pão resolvido. Do nosso pão. Mais o mesmo de Carlos e Aurora. *Uma Mãe do Porto*, não falta à sua promessa. Tanto faz o pobre daí como o pobre daqui. Dê. Mais 20\$. Anadia. Mais 50\$ de Nampula. Mais 20\$ da Herculia. Mais 300\$ depositados no Espírito Santo. Mais 50\$ Mais 50\$ de Lisboa, *produto de um dia de trabalho de uma anónima que resa pela obra*. Mais 200\$, Lourenço Marques. Mais tudo e tudo quanto vai dar ao *Espelho da Mo-da*. Mais mil escudos de Lisboa.

Tribuna de Coimbra Continuação da 2.ª página

doze contos, dêem mais uma voltinha; aliás, temos de fundir duas numa só. As casas na cidade vão para o dobro. Mas não tenhamos receio. A benção do pobre tem grande poder!

PADRE HORÁCIO

DOCTRINA Continuação da 1.ª página

caduco de coisas caducas, no fim tudo é caducidade. Quantos morrerem de fome e de sede à porta destes supremos, tal como Lázaro na parábola de Jesus?

Nós desejamos continuar a dar aqui à estampa a nota de verdadeiras riquezas e do quanto bem se pode praticar com elas!